

O ENSAIO COMO GÊNERO TEXTUAL

Prof. Dr. Jayme Paviani
jpaviani@terra.com.br¹
Universidade de Caxias do Sul

Sic vos non vobis mellificatis apes.
Assim, não é para vós o mel que fazeis, abelhas.
Virgílio

Resumo: Estudo das características mais comuns do gênero textual ensaio considerado sob os pontos de vista histórico e sistemático e esclarecimento de alguns aspectos em autores consagrados, com algumas reflexões de T. Adorno sobre a função e a natureza do ensaio.

Palavras-chave: ensaio como gênero textual, características do ensaio.

Abstract: Study of the most common features of the textual gender essay considered under the views and historical and systematic explanation of some authors set in with some thoughts of T. Adorno on the role and nature of the essay.

Keywords: gender as a test text, characteristics of the test.

O ensaio deve ser levado a sério?

O ensaio como gênero textual deve ser levado a sério? Montaigne, em seus *Ensaaios*, em 1 de março de 1580, afirma que escreve para si mesmo, e alguns íntimos (parentes e amigos). Seu objetivo é o de deixar alguns traços de seu caráter e de suas idéias para que conservem inteiro e vivo o conhecimento dele. Portanto, o ensaio, nas intenções de Montaigne, parece que não deve ser considerado como algo destinado aos interesses comuns, embora a boa fé do livro. Todavia, entre as intenções e o desejo do autor e a realidade do texto pode haver uma considerável distância, certamente a distância entre o mundo subjetivo e o mundo objetivo. Talvez se possam relativizar as observações de Montaigne interpretando-as como uma tentativa, um esboço do pensamento que desejava expressar. Entretanto, o fato significativo é o de ele ter intitulado *Ensaaios* seus escritos. Por isso, parece recomendável, mais do que prestar atenção às suas intenções, é o exame formal dos seus escritos.

Montaigne, no Livro II, cap. X, reafirma que seu escrito resulta das faculdades naturais e não do estudo, que seu produto é resultado da fantasia e não da sabedoria e, logo

¹ Professor de filosofia e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação, Curso de Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul.

adiante, acrescenta que não se deve prestar atenção à matéria discutida, mas à forma como é tratada. Ele não se inspira nas citações. Usa-as para corroborar o que diz. Não se preocupa com a quantidade, mas com a qualidade delas. Quanto às comparações e aos argumentos, declara que, muitas vezes, omite voluntariamente o nome dos autores. Enfim, ele quer que os críticos apressados, que vivem apoiados nos escritores, insultem Plutarco e Sêneca ao criticar suas idéias. Quer esconder sua fraqueza sob as grandes reputações. Pois, saber reconhecer a própria ignorância é garantia de possuir a faculdade de julgar.

Montaigne confessa que busca nos livros o prazer de um honesto passatempo. Seus comentários sobre as obras de Boccaccio, Rabelais, Ariosto, Ovídio exprimem apenas seu ponto de vista e não análises intelectuais. Entretanto, apesar de reafirmar constantemente sua ignorância, prefere de Virgílio, as *Geórgicas* e não a *Eneida*, somente bem elaborada no livro quinto. Igualmente, lamenta que alguns contemporâneos de Virgílio o comparassem a Lucrécio. Sabe que os bons poetas evitam a afetação e o rebuscamento. E assim prossegue em seus comentários críticos argumentando com lucidez suas leituras dos autores.

Portanto, observa-se nos *Ensaaios*, a agudez de espírito de Montaigne, que sem ter a pretensão da verdade, expõe-se com argumentos seu ponto de vista. Considera suas leituras, ao mesmo tempo, meios de instrução e de deleite.

Já o propósito de Bacon é o de descrever e interpretar os segredos da natureza. Para alcançar seus objetivos, no *Novum Organum*, escolhe o procedimento de valorização das percepções sensíveis. Procura cercar suas reflexões com o maior cuidado, primeiro para que sejam verdadeiras e segundo para que não sejam apresentadas de forma incômoda e árida ao espírito humano.

Assim, percebe-se que o ensaio como gênero textual nasce com Montaigne sob o signo da humildade, sem pretensão de ser um gênero superior. Mesmo assim não descuida do rigor e da agudeza de análise. Já, com Bacon, a serviço da ciência e da filosofia, o uso do ensaio não pode ser leviano nem superficial. Quem quiser manifestar suas opiniões devem fazê-lo, depois de inteirado a respeito do assunto, deve habituar-se à complexidade das coisas.

O ensaio ontem e hoje

O ensaio como gênero textual surgiu no século XVI, com M. Montaigne e F. Bacon. Mas, isso não significa que ninguém tenha elaborado, antes deles, texto com características de ensaio. Assim, para mostrar um exemplo notável podemos mencionar os escritos de Aristóteles, alguns deles, com evidente estrutura de ensaio. Um outro exemplo são os escritos de Plutarco, embora as características dos dois sejam diferentes e, às vezes, opostas. Por isso, a história do gênero depende do conceito de ensaio que pode ser definido de diversos modos. Se, de um lado, o conceito de ensaio pode ter origem empírica, a partir de alguns textos considerados exemplares, com características e padrões fornecidos pela tradição. De outro lado, o conceito de ensaio, no sentido mais rigoroso, depende de um quadro referencial teórico, sistemático e coerente, que o define enquanto tal.

Feita essa ressalva, é comum observar na história da produção literária, científica e filosófica, os autores que se dedicaram ao ensaio, portanto, aqueles que na tradição impuseram características ensaísticas aos seus textos.

Locke, em *Ensaio acerca do entendimento humano*, mais de um século depois de Montaigne ter apresentado seus escritos, afirma que seu texto foi elaborado com liberdade de pensamento e como passatempo de horas ociosas e difíceis. Afirma ainda

que a matéria é tratada de modo descontínuo. Enquanto Montaigne examina muitos temas, Locke ocupa-se com a questão do entendimento. Desse modo, é natural que se encontre em Montaigne muitas digressões e, em Locke o estilo seja mais concentrado. Todavia, os dois autores confessam-se inseguros e desconfortáveis, pois, ambos reafirmam o desejo de não serem pretensiosos.

Depois de Kant, desapareceu o experimentalismo típico dos ensaístas e empiristas ingleses. Novas características de dimensão racionalistas surgiram. Por isso, Adorno pode afirmar que o ensaio continua hoje sendo uma forma aberta de expor o pensamento. Afinal, o ensaio, mesmo o quando expõe uma teoria, nunca o faz de maneira doutrinal e dogmática. Ele não tem a pretensão de oferecer conteúdos acabados. Limita-se a coordenar idéias, pontos de vistas. Mas, sendo livre, cultiva o rigor, coincidindo ou não sua forma com a exposição filosófica ou com a expressão literária, e, ainda, com a escrita científica.

Hoje o ensaio é amplamente cultivado na filosofia, na ciência, na crítica literária e artística. Na realidade, tende a invadir outros gêneros textuais, tende a ser uma nova possibilidade textual. Desde os escritos de Galileu, Pascal, Espinosa até Habermas, Derrida, Barthes e centenas de outros autores, o ensaio, com características desenvolvidas de diversos modos e com diferentes intensidades, é o único gênero que permite ao leitor transitar do filosófico para o artístico, do filosófico para o científico ou, ao contrário, sem diminuir o rigor da exposição.

Como caracterizar o ensaio?

Desvendar as características do ensaio, como gênero textual, é uma tarefa, no mínimo, estranha, pois, envolve um considerado número de aspectos difíceis de distinguir, definir e classificar, pois, é necessário mostrar a função de cada um desses aspectos e justificá-los.

O método de busca das características do ensaio apresenta duas alternativas. Uma, de caráter teórico, pretende elaborar o conceito de ensaio, a partir da matéria desenvolvida sobre o assunto por especialistas, de diferentes áreas. Outra, também teórica, mas tendo a experiência como ponto de partida, pretende examinar alguns textos considerados, pela maioria dos autores, como ensaios. Essas duas alternativas, no entanto, podem se completar mutuamente e, assim, talvez chegar a um determinado consenso sobre a natureza e as funções do ensaio como gênero textual.

Todo esse trabalho, no entanto, é meramente descritivo e explicativo, sem nenhum caráter normativo. O objetivo restringe-se a observar o que ocorre, com fins formativos, pois, o objeto de estudo, sendo cultural, não permite uma análise como se fosse um objeto da natureza. De fato, trata-se de um conceito que nasce das condições da sociabilidade muito mais do que uma dimensão estável e permanente.

Assim, as dificuldades de definir o ensaio possível são insuperáveis. Nesse sentido, a busca de sua definição tem semelhanças com a tentativa de definir o que seja a arte, a cultura, a educação, para nos limitar a alguns exemplos. Se de um lado, temos inúmeros textos que podem ser considerados, de um modo ou de outro, de ensaios, de outro lado, também é possível refletir sobre o ensaio possível, ainda não realizado, mas que poderá ser apresentado como padrão ideal de ensino. Desse modo, entre o ensaio necessário e o ensaio possível, a distância depende do jogo das contingências e da criatividade dos autores.

Estabelecidos esses pressupostos, o ensaio, na medida em que corresponde a um conceito que busca ser objetivado numa definição, a mais completa possível, pode apresentar, entre outras, as seguintes características:

a) É um *estudo*, uma investigação, uma reflexão, etc. O ensaio parece conter em suas entranhas o caráter de provisoriedade, de proposta, de algo que não possui a pretensão de acabamento. A palavra ensaio parece indicar essa condição;

b) É um estudo *formalmente desenvolvido*, dentro de padrões mais ou menos formais; mais flexível que um tratado, por exemplo. Mesmo que seu estilo se aproxime do literário, o ensaio é elaborado, isto é, não é o espontâneo nem o caótico, mas formalmente apresentado a partir de determinados padrões;

c) O ensaio, COMO *texto*, pode ser de natureza literária, científica e filosófica. Entre todos os gêneros textuais, é aquele que melhor possui trânsito entre a filosofia, a ciência e a crítica;

d) Deve a *exposição do assunto ser lógica*, mesmo adotando o estilo livre, isto é, sem seguir os passos de uma análise detalhada ou uma demonstração exaustiva, o ensaio expõe a matéria com racionalidade, mesmo quando utiliza a linguagem poética;

e) Tem o ensaio, apesar da diversidade de modos de apresentação, algo em comum a eles que é o *rigor* de argumentação, de demonstração. O rigor, que não se confunde com a exatidão, é característica indispensável do verdadeiro ensaio;

f), O rigor típico do ensaio aparece aliado, quase sempre, à ao estilo de *interpretação e de julgamento pessoal*. Sem ser subjetivo, o ensaio não abole o espaço da subjetividade como pretende fazer o tratado ou o artigo científico.

g) O rigor, a interpretação e o julgamento pessoal do autor pressupõem que haja *maior liberdade de expressão*, liberdade que a maioria dos gêneros não possuem. A liberdade consiste em poder defender uma posição sem o apoio empírico, documentos ou outros recursos metodológicos;

h) requer o ensaio, tendo em vista esse conjunto de características, que o autor tenha *informação cultural e maturidade intelectual*. Nesse sentido, é um gênero difícil de elaborar, pois, a liberdade de estilo, de ritmo, de expressão exige sutileza e equilíbrio.

Essas características gerais não esgotam as possibilidades de descrição do ensaio como gênero textual, mas servem para esboçar seu perfil, especialmente quando o ensaio formal, com objetivos informativos, especulativos, críticos, didáticos, não se confunde com o ensaio informal subjetivo ou espontâneo.

Essas características que diferenciam o ensaio do artigo científico, da resenha, da monografia, da tese, do tratado, do relatório, do texto didático, do texto jornalístico, e de outros gêneros de textos e que têm origem nos ensaios de autores consagrados podem, sem dúvida, num novo autor, ser suplantadas e redimensionadas em novas formas de expressão e de comunicação. Afinal, o ensaio, desde o nome, nasce como um gênero textual aberto a novas possibilidades.

O ensaio como forma

Adorno, num famoso estudo intitulado, *O ensaio como forma*, defende o gênero que, segundo ele, na Alemanha, em 1974, parece ser um gênero desacreditado, um produto híbrido. Escreve:

Apesar de toda confiança que Simmel e o jovem Lukács, Kassner e Benjamin manifestaram em relação ao ensaio, à especulação sobre objetos específicos, já

preformados culturalmente, a corporação acadêmica só tolera como filosofia aquilo que se reveste com a dignidade do universal, do permanente, e, hoje em dia, porventura, com a dignidade do originário. (1994, p. 168).

Mais adiante, Adorno afirma que o ensaio provoca uma atitude defensiva porque evoca liberdade do espírito. O ensaio não deixa que lhe prescreva o âmbito de sua competência. Seus conceitos não se constroem a partir de algo primeiro nem se fecham em algo último. Suas interpretações não são rígidas. O ensaio possui uma certa autonomia estética, pois, diferencia-se pelos meios, pelos conceitos, por sua pretensão à verdade despida da aparência estética. (1994, p. 168-169).

Após algumas críticas a Heidegger, ao comentar as relações entre ciência, filosofia e arte, Adorno, com razão, mostra que o ensaio não compartilha a regra do jogo da ciência e da teoria organizadas, pois, ele se revolta, em primeiro lugar, com a doutrina arraigada desde Platão, segundo a qual o mutável, o efêmero, não seria digno da filosofia. (1994, p. 174).

Contra o pensamento sistematizado, o ensaio assume o impulso anti-sistemático e, sem cerimônias, introduz imediatamente conceitos tais como os recebe e concebe. A ciência precisa da concepção do conceito como tábula rasa para consolidar a sua pretensão de dominar. O ensaio, enquanto é essencialmente linguagem, parte das significações, leva-as adiante, toma-as reflexivamente. Não aceita as definições, pois elas eliminam o que vive nos conceitos, na linguagem. Assim, o ensaio desafia o ideal da percepção clara e distinta. Ele é, de fato, um protesto contra as quatro regras do *Discurso do Método* cartesiano. (1994, p. 176-177).

Afinal, como Adorno diz:

É inerente à forma do ensaio a sua própria relativização: ele precisa compor-se de tal modo como se, a todo momento, pudesse interromper-se. Ele pensa aos solavancos e aos pedaços, assim como a realidade é descontínua, encontra sua unidade através de rupturas e não à medida que as escamoteia. A unanimidade da ordem lógica engana quanto à essência antagônica daquilo que ela recobre. A descontinuidade é essencial ao ensaio, seu assunto é sempre um conflito suspenso. (1994, p. 180).

O ensaio, portanto, na visão de Adorno, possui movimentos dialéticos que as características acima anunciadas não conseguem demonstrar. Uma coisa é a caracterização quase didática do que seja o ensaio e outra mostrar o movimento dialético interno que sustenta os conceitos, as relações entre os conceitos e a própria linguagem do ensaio como forma.

O ensaio, ao contrário, do tratado e do artigo científico, desenvolve os argumentos ensaisticamente, isto é, experimentando, questionando, refletindo, criticando o próprio objeto de estudo. É um gênero textual essencialmente crítico e interpretativo. Esquiva-se da descrição e da explicação para eliminar qualquer traço de ingenuidade e de doutrina. Sua função é mostrar as mediações. Embora seu parentesco com a retórica, nada nele é sofisticado no sentido da pura persuasão, pois, o ensaio cultiva o novo, aquilo que não é comum e tradicional.

Por tudo isso, Adorno chega ao fim de seu ensaio sobre o ensaio como forma, declarando que a lei formal do ensaio é a heresia. Pois, “na infração à ortodoxia do pensamento torna-se visível na coisa aquilo que, por sua secreta finalidade objetiva, a ortodoxia busca manter invisível”. (1994, p.187).

Em conclusão

Conforme B. I. Borges, Adorno, apesar de seus textos densos, herméticos, adotou de W. Benjamin, de seu estilo elegante, feito de parágrafos curtos, temas sugestivos e inusitados, além de teses sobre a história, algo da maneira de escrever. Benjamin, acostumado a estudar poetas, aproxima-se de Montaigne que apreciava o caminho dos bosques e, quando podia, interrompia seus afazeres para correr para casa e anotar suas idéias. (2006, p. 108-109).

Assim, o ensaio é o gênero textual dos autores experientes, densos, originais e profundos e, ao mesmo tempo, o gênero dos principiantes, daqueles que nem sempre têm o domínio técnico dos gêneros científicos. É o texto daqueles que preferem a liberdade de expressão, mesmo sabendo que jamais podem abdicar do rigor.

Os estudantes universitários, obrigados a apresentar monografias ao final do curso, fechadas em normas técnicas, na realidade nem sempre executam o previsto nem colhem os resultados esperados. Poderiam ser estimulados a escrever ensaios. Mesmo porque o ensaio eventualmente inclui em suas características a possibilidade do erro. A possibilidade do fracasso está contida desde os ensaios de Montaigne até sua defesa como forma de expressão em Adorno. A vida do ensaio é o transitório, o qual não deve ser confundido com o aleatório, com a falta de rigor, de imaginação, de verdade.

Enfim, o verbo ensaiar, por exemplo, em teatro, em laboratório, etc. já diz da necessidade de exercitar e de experimentar algo, de alcançar a pretensão do definitivo, do bem efetivado. Nessa época em que os gêneros textuais multiplicam-se sem limites, em que a diluição do gênero dissolve a própria idéia de gênero, pois, tudo é gênero textual, desde o e-mail escrito às pressas até o poema mais bem elaborado, o ensaio é ainda um texto em que se efetivam algumas características padronizadas e, ao mesmo tempo, realiza sua função de prática sócio-histórica como expressão e comunicação aberta aos interesses filosóficos, científicos e artísticos. De resto, o debate sobre as diferenças entre tipos de texto e gêneros textuais só adquire relevância para os que problematizam o assunto, para os que se ocupam com o ensino. Para o leitor e o escritor comum é confortador saber que a escrita em seus usos culturais e históricos encontra no gênero textual ensaio uma forma nobre e eficiente que varia em graus desde a expressão até a comunicação mais simples e complexa.

Referências

- ADORNO, T. W. O ensaio como forma. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1994.
- BACON, F. *Novum organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza*. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 1973.
- BORGES, B. I. *Ensaaios filosóficos e peripécias do gênero*. Caxias do Sul, RS: Educus, 2006.
- LOCKE, J. *Ensaio acerca do entendimento humano*. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 1973.
- MONTAIGNE, M. de. *Ensaaios*. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 1972.